

Bases teóricas e metodológicas do Plantão Psicológico Humanista- Fenomenológico

Theoretical and Methodological Foundations of Humanistic- Phenomenological Psychological Counseling

Luan Carvalho¹ , Lucas Bloc² 

1. Mestre em Psicologia
Universidade de Fortaleza
E-mail: luan-smsb@hotmail.com

2. Doutor em Psicologia
Universidade de Fortaleza
E-mail: bloclucas@gmail.com

Dossiê - Abordagem Centrada na Pessoa: Ciência e Profissão

Resumo:

O Plantão Psicológico se configura como uma modalidade clínica contemporânea de atendimentos de curta duração às urgências. Voltada tradicionalmente para a psicoterapia, a clínica Humanista-Fenomenológica surge como um desenvolvimento contemporâneo da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, através do diálogo com a Psicopatologia Fenomenológica e a Fenomenologia de Merleau-Ponty. Neste artigo, discutimos como esta modalidade clínica pode ser utilizada como base para o plantão psicológico. Assim, nosso objetivo é sistematizar as bases teóricas e metodológicas do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico. Esse modelo de Plantão Psicológico tem como conceitos básicos a noção de mundaneidade, percebendo a pessoa em situação de urgência em seu *Lebenswelt* (mundo vivido), o diálogo com a fenomenologia clínica e filosofia merleau-pontyana, bem como as intervenções fenomenológicas que norteiam essa prática, tais como definição de um enquadre no Plantão Psicológico, Descrição Fenomenológica, Intuição Eidética, Redução Fenomenológica, Fala Autêntica e Ver e Ouvir Fenomenologicamente. Sustenta também uma discussão a respeito da Psicopatologia Fenomenológica e suas contribuições para o Plantão Psicológico. Conclui-se que o desenvolvimento Humanista-Fenomenológico do Plantão Psicológico traz elementos particulares ao assentar seu desenvolvimento a partir da lente mundana, do método fenomenológico e da psicopatologia fenomenológica, fomentando uma escuta da urgência como fenômeno e seus significados.

Palavras-chave: Modalidade Clínica; Humanismo-Fenomenológico; Plantão Psicológico.

Abstract:

Psychological Emergency Attendance is configured as a contemporary clinical modality of short-term emergency care. Traditionally focused on psychotherapy, the Humanistic-Phenomenological clinic emerges as a contemporary development of Carl Rogers' Person-Centered Approach, through dialogue with Phenomenological Psychopathology and Merleau-Ponty's Phenomenology. In this article, we discuss how this clinical modality can be used as a basis for Psychological Emergency Attendance. Thus, our objective is to systematize the theoretical and methodological bases of the Humanistic-Phenomenological Psychological

Emergence Attendance. This model of Psychological Emergence Attendance has as its basic concepts the notion of worldliness, perceiving the person in an emergency situation in their Lebenswelt (lived world), the dialogue with clinical phenomenology and Merleau-Ponty's philosophy, as well as the phenomenological interventions that guide this practice, such as definition of a framework in Psychological Emergence Attendance, Phenomenological Description, Eidetic Intuition, Phenomenological Reduction, Authentic Speech and Seeing and Hearing Phenomenologically. It also supports a discussion regarding Phenomenological Psychopathology and its contributions to Psychological Emergence Attendance. It is concluded that the Humanistic-Phenomenological development of Psychological Emergence Attendance brings particular elements when basing its development from the worldly point of view, the phenomenological method and phenomenological psychopathology, encouraging listening to urgency as a phenomenon and its meanings.

Keywords: Clinical Modality; Humanistic-Phenomenological; Psychological On-Call.

Introdução

O Plantão Psicológico tem suas raízes e inspiração inicial na Psicologia Humanista de Carl Rogers, sendo desenvolvido no final da década de 1960 para ser suporte aos atendimentos de psicoterapia do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) da Universidade de São Paulo – USP. A psicóloga Raquel Lea Rosenberg, psicóloga de atuação voltada para a Terapia Centrada na Pessoa, com outros professores-colaboradores e seus estagiários de psicologia clínica, foram os responsáveis pelo primeiro serviço no Brasil (Mahfoud, 1999; Rebouças; Dutra, 2010; Tassinari *et al.*, 2013; Tassinari; Durange, 2019).

Ao longo do processo de desenvolvimento, pode-se dizer que o Plantão Psicológico passou a ser compreendido como uma “modalidade de atendimento originariamente identificada com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e genuinamente brasileira” (Bezerra, 2014, p. 130). Outras abordagens teóricas, tais como, Fenomenologia-Existencial (Breschigliari e Jafelice, 2015; Silva e Evangelista, 2022), Terapia Cognitivo-Comportamental (Pimentel de-Medeiros *et al.*, 2021), Gestalt-terapia (Soares, 2019), Psicanálise (Daher *et al.*, 2017; Ortolan *et al.*, 2019; Dalledone *et al.*, 2021), dentre outras,

passaram a praticar o Plantão Psicológico em contextos diversos, como clínicas-escola de psicologia, espaços públicos e privados, hospitais, delegacias, bem como em escolas e centros educacionais (Bezerra, 2014).

Se as abordagens humanistas em Psicologia se apresentam como uma força na construção e desenvolvimento do plantão psicológico no Brasil, é preciso considerar seu diálogo com as perspectivas fenomenológicas e existenciais como marca da psicologia clínica brasileira (Souza; Souza, 2011, Breschigliari; Jafelice, 2015). Sem adentrar nas nuances e nos impasses epistemológicos desta aproximação, há um convite para se explorar a fecundidade deste caminho clínico no contexto do Plantão Psicológico. Ressalta-se que as abordagens Humanistas e Fenomenológicas, em suas diferentes possibilidades e diálogos, sempre tiveram uma maior predominância de projetos de atendimentos, extensões e publicações de artigos e livros sobre o Plantão Psicológico (Souza; Souza, 2011). Entre as diferentes possibilidades clínicas, temos aqui como foco de discussão a Clínica Humanista-Fenomenológica (Moreira, 2004; 2007; 2009; 2013) como base para o Plantão Psicológico.

Voltada tradicionalmente para a psicoterapia, a clínica Humanista-Fenomenológica surge como um desenvolvimento contemporâneo da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, através do diálogo e da interseção com a Psicopatologia Fenomenológica e a Fenomenologia de Merleau-Ponty. Critica-se uma visão dicotômica de homem que o divide em interior e exterior e distância seu atravessamento pela dimensão social (Moreira, 2013). Neste sentido, esta perspectiva clínica vem sendo desenvolvida em modalidades clínicas como atendimentos individuais (Moreira, 2009a; 2009b; 2013; Brito *et al.*, 2021), em grupos (Correia; Moreira, 2016) e também mediante pesquisas voltadas para fenômenos

psicopatológicos (Telles; Boris; Moreira, 2014; Moreira; Bloc, 2021). Como marco inicial de uma proposta de Plantão Psicológico assumidamente Humanista-Fenomenológico, destacamos o projeto de extensão “Plantão com Apheto”, iniciado em 2019, pelo Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO/UNIFOR) (Carvalho *et al.*, 2021).

No que tange a esta perspectiva de Plantão Psicológico, discutimos como o Humanismo-Fenomenológico pode ser utilizado como referencial teórico-prático, partindo da compreensão de que existem certas lacunas para uma delimitação clara de sua especificidade e contribuição, sobretudo, ao incorporar na prática clínica elementos de base fenomenológica em sua dimensão filosófica, metodológica e no campo da psicopatologia. Assim, este estudo teórico tem como objetivo sistematizar as bases teóricas e metodológicas do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico. Revisitam-se as atitudes e intervenções dessa abordagem voltadas, especificamente, para o contexto da urgência no Plantão.

No que se refere ao percurso desse estudo, trataremos, inicialmente, de alguns princípios básicos norteadores do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico. Em seguida, discutiremos as contribuições da lente merleau-pontyana para o Plantão Psicológico e as intervenções fenomenológicas, apresentadas por Moreira (2009), adaptadas a esse contexto. Por fim, discutimos o papel e as contribuições da Psicopatologia Fenomenológica para o Plantão Psicológico.

Princípios básicos norteadores do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico

O desenvolvimento de um Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico exige que adentremos em alguns princípios básicos

norteadores. Entre eles, destaca-se o conceito de *Lebenswelt*, que se refere ao “mundo vivido pré-reflexivo antes de ser pensado, o que já está lá, para alguém de qualquer pensamento idealista ou dualista” (Moreira; Bloc, 2015, p. 3).

Para Tatossian (1979/2006, p. 207), o *Lebenswelt* “existe como mundo concreto e cotidiano, que, ele é sempre individual, é sempre ‘meu’ mundo, sendo também totalmente ‘nosso’ mundo porque impregnado de historicidade e intersubjetividade”. Esse conceito, cunhado por Husserl e desenvolvido por Merleau-Ponty, é o caminho escolhido por Moreira (2007; 2009; 2013) para criticar um aquilo que ela considera como um humanismo antropocêntrico. Caminha-se na direção de um humanismo antropológico pela via merleau-pontyana, pois “Se queremos descrever o real tal como ele nos aparece na experiência perceptiva, nós o encontramos carregado de predicados antropológicos” (Merleau-Ponty, 1945/2022, p. 429), o que radicaliza a inserção do homem no mundo.

Inspirada em Merleau-Ponty, Moreira (2009) se volta para um modelo teórico no qual “o mundo já não é considerado um objeto, assim como o cliente já não é visto como sujeito” (p. 39). Busca-se compreender os clientes em psicoterapia na sua interseção com o mundo, no tempo, no espaço, na cultura e na história, nos diversos contornos que os constituem (Moreira, 2009; 2013). Já no Plantão Psicológico, compreende-se a urgência de forma situada no mundo, no entrelaçamento da experiência subjetiva daqueles que procuram o Plantão com os aspectos comuns que permitem a identificação da urgência. Pode-se dizer que

O processo psicoterapêutico se produz na interseção dos *Lebenswelten* do terapeuta e do cliente. O psicoterapeuta passeia de mãos dadas com o cliente em seu *Lebenswelt* (mundo vivido), buscando sempre compreendê-lo, sem nunca separar-se de seu próprio *Lebenswelt*. Isto ocorre através da empatia, uma das atitudes básicas postuladas por Carl Rogers (Moreira, 2009, p. 52).

O Plantão Psicológico, também situado nesta interseção, se apresenta como um espaço de escuta e acolhimento, valorizando o encontro radical e intersubjetivo, sempre na direção de facilitar a elaboração de significados a partir da experiência de sofrimento (Moreira; Bloc, 2021). Ao pensarmos o Plantão Psicológico como uma modalidade clínica Humanista-Fenomenológica, exige-se compreender, assim como em outras modalidades, a experiência no entrelaçamento dos aspectos objetivos e subjetivos que constituem o *Lebenswelt* em seu caráter intersubjetivo, (Moreira, 2016) e que se mostra na situação de urgência.

Mesmo em um curto espaço de tempo, o Plantão Psicológico prioriza estabelecer uma relação terapêutica que busca viabilizar uma experiência autêntica e genuína da pessoa atendida no momento da urgência psicológica. Ele se volta para a descrição da experiência de crise, para que a pessoa possa resgatar uma percepção autônoma de si, consiga ampliar a compreensão do que lhe aconteceu, possa situar o que quer e considerar com clareza os desfechos que lhes estão disponíveis, possibilitando ressignificar seu sofrimento. Neste sentido, o plantonista acompanha a pessoa em sofrimento por um curto espaço de tempo, para favorecer a conscientização e (re)elaboração da experiência sentida como confusa e estagnada (Rebouças; Dutra, 2010; Barbosa; Casaniri, 2021).

O Plantão Psicológico, no enfoque Humanista-Fenomenológico, utiliza uma lente mundana de homem, ou seja, entende que “aquele que vem em busca de serviços como o plantão traz consigo sua história e sua mútua constituição com o mundo” (Carvalho *et al.*, 2021, p. 348). Esse entrelaçamento acontece no *enquadre* do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, tendo em vista que sua sistematização acontece na perspectiva de uma *mundaneidade*, atravessada pelos contornos do mundo

vivido do cliente e o encontro com o plantonista no atendimento, que passam também pela supervisão que acontece, necessariamente, no dia em que esse Plantão ocorre.

Essa lente mundana se tenciona de forma crítica ao conceito proposto por Carl Rogers de *Tendência Atualizante*. Seu caráter inato, interior, positivo e como potencial a ser desenvolvido (Telles *et al.*, 2014) diverge de uma compreensão crítica que radicaliza a relação do homem com o mundo. A proposta de um Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico busca pensar a radical inserção do homem no mundo e a experiência de crise em seu ancoramento na facticidade. Assim, a compreensão de uma tendência ao crescimento precisa ser (re)pensada para além da sua dimensão individual, contemplando sua dimensão mundana que reconhece a mútua constituição homem-mundo e seu desdobramento para os processos de desenvolvimento pessoal. Trata-se de pensar o “ser humano não como pessoa-indivíduo – como centro – mas como um ser humano atravessado por múltiplas dimensões de ordem psicológica, biológica, política, social, histórica e cultural” (Moreira, 2009, p. 32), o que significa dizer que esse desenvolvimento ocorre na interseção homem-mundo, considerando aspectos diversos e não apenas internos e individuais.

Entre os princípios que norteiam o Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico compreendemos que a experiência de tempo atravessa essa dimensão homem-mundo, radicalizando-a, conforme Rocha (2019), que revela que “o Plantão Psicológico coloca, radicalmente, o tempo existencial em cena; o encontro o define” (p. 69). Independentemente do tempo de duração do atendimento, é possível estabelecer um vínculo, movido pela angústia de querer falar, por parte da pessoa que procura pelo serviço,

gozando de profundidade, traduzida pela presença, afetação, contato e compreensão.

Ainda referente ao tempo, o Plantão pode acontecer, portanto, em um único encontro, mas este também pode se abrir a outros, a partir do que o plantonista (em supervisão) perceba como necessidade de uma fala mais demorada, que pode não ter sido contemplada em um único encontro. Dessa forma, mantém-se a compreensão de um tempo (inter)subjetivo, que pode ser em um ou poucos encontros (Tassinari *et al.*, 2013; Tassinari & Durange, 2019) sob a decisão, em parceria, daqueles que estão envolvidos.

Quanto ao espaço/local, pensando os “contatos casuais”, trabalhando com os retornados da guerra, Rogers (1946) já sugeria que o encontro com a experiência de angústia do outro poderia acontecer em diversos ambientes: no jardim, na lanchonete, na biblioteca. O intuito não era oferecer tratamento efetivamente, mas uma escuta qualificada e calorosa, interessada em compreender (Tassinari; Durange, 2019). Neste sentido, o Plantão Psicológico pode acontecer em locais diversos, de maneira que não deixa em segundo plano as características básicas do atendimento e que preserve o sigilo terapêutico, assim como aspectos éticos da psicologia na totalidade.

Outra característica importante a ser destacada como princípio básico no Plantão, é o olhar voltado à Urgência Psicológica (Tassinari; Durange, 2019). O atendimento do Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico visa um encontro radical com o *Lebenswelt* (mundo vivido) da pessoa em sofrimento/situação de urgência, em vista de estabelecer uma relação de ajuda focada no agora, clarificando essa temporalidade para a pessoa em atendimento, o que ajudará nessa presença genuína de ambos.

Fenomenologia Clínica e Plantão Psicológico: diálogos com Merleau-Ponty

A concepção contemporânea de uma Fenomenologia Clínica conjuga uma séria de vertentes clínicas, tais como a psiquiatria, a psicopatologia, a psicologia clínica e a psicoterapia (Moreira; Bloc, 2021). Como ponto comum, partem de uma inspiração fenomenológica (Moreira; Bloc, 2015; Bloc *et al.*, 2017) que permite o desdobramento de diversas modalidades de intervenção, entre elas o Plantão Psicológico (Moreira; Bloc, 2021), que se configura como uma nova sistematização da modalidade nessa abordagem.

É importante salientar, inicialmente, que no atendimento do Plantão Psicológico, assim como em outras modalidades referenciadas no Humanismo-Fenomenológico, o olhar para o sujeito em crise é atravessado pela compreensão sobre o seu radical enraizamento no mundo (Moreira, 2004; 2009; Moreira; Bloc, 2021). Há uma facticidade na experiência que move a pessoa ao Plantão a partir de sua própria experiência com a urgência, ou seja, há um sentido que brota na relação com o mundo, que emerge a partir de seu campo experiencial. Os sentidos atribuídos a própria urgência, que podem favorecer o movimento de busca por um serviço de Plantão, não se apresentam, necessariamente, como algo que está quebrado ou defeituoso na pessoa que procura por ajuda, ou mesmo do campo psicopatológico, mas como uma experiência que precisa (urgentemente) ser compreendida genuinamente.

Consideramos importante um olhar mundano para a pessoa que busca por ajuda, pensando sua dor e angústia no seu entrelaçamento com o mundo, que não se restringe àquilo que se pensa, mas contempla o vivido. No atendimento de Plantão, considera-se o olhar mundano como uma

atitude, ética e clínica, importante ao permitir situar o modo de se viver uma experiência e buscar compreendê-la. A pessoa em sofrimento pode procurar ajuda em momentos diversos, inclusive, em situações em que a angústia está mais aguda e a urgência impulsiona para a busca por suporte psicológico. Essa dor está entrelaçada com o mundo, se revela na sua mútua constituição com o mundo, como compreendemos em Merleau-Ponty, em seus múltiplos contornos (Merleau-Ponty, 1945/2022). Trata-se de uma experiência que é expressa, vivida no agora, diante da situação do Plantão, intersubjetivamente, entrelaçada com o mundo, mas vivida de maneira particular. Podemos compreender sobre a intersubjetividade a partir de Merleau-Ponty (1945/2022) ao dizer que:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (p. 18).

A intersubjetividade vivida na experiência dos corpos presentes no encontro de Plantão são uma necessidade para a compreensão do que se encontra incongruente ao ponto de causar uma dor que se torna urgente de ser ouvida. No encontro, a urgência surge como fenômeno e precisa ser reconhecida pelo outro para ser compreendida e acolhida. Retomamos a ideia de um mundo fenomenológico como um sentido que transparece na intersecção das experiências vividas, como mencionado por Merleau-Ponty (1945/2022) na citação anterior.

O encontro que o Plantão possibilita se dá por essa engrenagem que evidencia o caráter intersubjetivo da experiência revelada ali de modo presentificado na situação de urgência. A presença do outro no Plantão e a disponibilidade a estar também presente do plantonista pode permitir esse

encontro. Sob a lente de Merleau-Ponty (1945/2022), entendemos que o corpo é o que nos abre e nos fecha ao mundo e suas possibilidades. É onde a experiência vivida é possível, bem como o entrelaçamento com a cultura e com a natureza (Moreira; Telles, 2012). É justamente pela possibilidade de fechar-se ao mundo que meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo. Assim como um rio que pode degelar-se, o movimento existencial que meu corpo faz em direção ao outro, ao futuro, ao mundo, pode sempre recomeçar (Merleau-Ponty, 1945/2022). Na urgência psicológica, compreende-se que o corpo é atravessado por essa experiência, sendo movido, como abertura, à busca por ajuda. No atendimento de Plantão, o corpo é, indissociavelmente, a via de expressão dos sentimentos, a sede da experiência.

O corpo se engaja entrelaçado ao mundo e à cultura, nos colocando em situação e nos movendo em direção ao vivido do outro como intercorporeidade (Moreira; Telles, 2012). No processo de escuta à pessoa em crise, isso acontece de forma rápida e inesperada, pois o desejo de ter o próprio mundo vivido acessado por outrem é urgente como alguém que pede por ajuda em meio a falta de possibilidades e opções de viver nesse entrelaço do mundo que se torna, muitas vezes, impossível. Neste sentido, ouvir está para além da fala, mas atravessa a compreensão do mundo vivido do outro. Trata-se de ouvir a dor e o silêncio que também falam em meio a urgência, manifestando-se no corpo, no movimento, nas lágrimas e nas contradições.

Intervenções Fenomenológicas no Plantão Psicológico

Destaca-se a seguir as intervenções fenomenológicas no Plantão Psicológico Humanista-fenomenológico. Desenvolvidas por Moreira (2009)

com foco na psicoterapia, buscamos rediscuti-las no contexto do Plantão Psicológico. Diante da radicalidade do encontro com o outro sob o foco na urgência psicológica, consideramos que existem elementos específicos para a prática aqui discutida (Moreira; Bloc, 2021).

Definição de um enquadre no Plantão Psicológico: o ponto de partida

Clínica Humanista-Fenomenológica (Psicoterapia individual e de grupos, Plantão Psicológico) se caracteriza pela necessidade de *definição de um enquadre*. Assim como uma pintura, tal como as de Cézanne discutidas por Merleau-Ponty que, com suas cores e indefinição de contornos, exigem uma moldura, (Moreira, 2009, p. 60-61), pode-se dizer que no Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico pensamos nesse enquadre a partir da situação de urgência, o que exige uma delimitação, uma “moldura” do espaço, do tempo, da equipe e dos contornos institucionais, além de uma postura inicial de acolhimento e de orientações gerais que o plantonista precisa compreender sobre essa modalidade clínica e como ocorre.

A definição de um enquadre no Plantão Psicológico é muito importante, pois, semelhante ao que se apresenta em um contexto de psicoterapia, “possibilitará a demarcação de um espaço terapêutico, intersubjetivo e simbólico, onde serão utilizadas diferentes intervenções” (Moreira, 2009, p. 61), e que se radicalizam no Plantão, frente as suas características próprias. Diferencia-se da Psicoterapia ao pensar a possibilidade de um único atendimento, focando no “agora” e na urgência que se apresenta como fenômeno, bem como uma postura de escuta ativa do plantonista que possibilite o foco no “Momento já”.

O enquadre institucional é importante ser pensado, pois o Plantão, mesmo em sua característica de plasticidade, podendo acontecer em

espaços diversos e atender a demandas variadas, apresenta-se configurado no espaço implementado. Ele assume as questões inerentes ao *locus*, limitando-se, por exemplo, a quantidade de salas, que podem dar também um limite à quantidade de vagas de atendimentos por período. Os dias projetados para que este aconteça também dependem desse enquadre, ajustado a disponibilidade da equipe de plantonistas e supervisão, que por sua vez precisam estar também atentos aos contornos de tempo e espaço, para atuar com responsabilidade, acolhimento, ética e respeito aos pacientes que ali chegam em busca de ajuda.

Descrição Fenomenológica

A descrição se configura como a tarefa primária da fenomenologia. Busca-se descrever o homem no mundo, sem se preocupar com análises ou explicações, mesmo que surjam como consequência em algum momento. Do ponto de vista clínico, como intervenção fenomenológica, é importante uma descrição, não somente dos fatos, mas dos sentimentos presentes, para que a experiência vivida seja acessada pelo plantonista (Moreira, 2009).

Ao chegar no serviço de Plantão Psicológico, a pessoa deseja falar sobre o que sente, por vezes, encontra dificuldades em saber por onde começar. A descrição é um ponto de partida importante, sendo desafiadora no começo, pois quando se trata de falar dos sentimentos em relação a uma situação específica e a pessoa está, por vezes, desconstruída de si mesma, não consegue acessar com facilidade (Moreira, 2009). Com isso, o Plantão pode ser um espaço que favorece a uma descrição da experiência no momento em que se procura por ajuda.

Tratando-se ainda da descrição no contexto do Plantão, entendemos que é um passo inicial e fundamental do método fenomenológico, e assim

como em outras modalidades clínicas Humanista-Fenomenológicas (psicoterapia individual e de grupos), é necessário haver uma atitude em diversos momentos do atendimento e de diferentes formas (Moreira, 2009). A necessidade do foco na urgência que surge como fenômeno traz para o centro a descrição da experiência de urgência que pode permitir alcançar aquilo que é mais significativo e que se apresenta como demanda situação atual.

Intuição Eidética

Este é um conceito construído historicamente na fenomenologia. Trata, sob um viés clínico de inspiração fenomenológica, de “apreender o significado da experiência” (Moreira, 2009, p. 63). A pessoa que procura o serviço do Plantão Psicológico encontra-se, geralmente, distante de uma compreensão dos significados de seus próprios sentimentos. Os medos e receios inerentes à urgência vivida que mobiliza a buscar o Plantão Psicológico afastam a pessoa de si mesma, estando em uma situação de confusão em relação aos próprios sentimentos, pensamentos e compreensões do *Lebenswelt*.

Corresponde ao psicólogo que atua por uma perspectiva da psicoterapia Humanista-Fenomenológica “caminhar na intercessão da universalidade da teoria com a singularidade de cada paciente como ser humano” (Moreira, 2009, p. 62), compreendendo que a fenomenologia se preocupa em trazer para o presente cada singularidade apresentada nos fatos e vividos como experiência. No contexto do Plantão Psicológico, a universalidade da teoria e das compreensões acerca dessa modalidade e suas nuances estão também nessa intersecção com os conteúdos acessados no encontro de urgência, trazidos pelo cliente em meio a sua dor. Busca-se

os significados na tarefa fenomenológica de clarificar a experiência que, no contexto do Plantão Psicológica, pode contribuir para uma diminuição da tensão presente na urgência.

Redução Fenomenológica

Trata-se de uma postura de suspensão de um saber anterior, um artifício que se utiliza para se aproximar do fenômeno em si por estarmos imersos em uma inserção congênita no mundo (Moreira, 2009). Ela diz respeito a uma atitude diante do fenômeno que se apresenta no encontro do Plantão com a pessoa em sofrimento. Busca-se suspender os *aprioris* para reduzir-se àquilo que se mostra como fenômeno na situação clínica; uma tentativa de se aproximar da experiência de urgência.

Destaca-se a necessidade de uma redução fenomenológica como atitude necessária para uma possível compreensão dessa dor quando aparece como fenômeno mundano. Essa atitude diz respeito a um rompimento com a familiaridade com o mundo, conforme apontado por Merleau-Ponty (1945/2022), e que se encontra na base do método fenomenológico.

Conforme afirma Carvalho e Barreto (2021), ao pensar um Plantão Humanista-Fenomenológico, “o caráter mundano dessa relação faz com que se possa acolher significativamente a experiência vivida nas possibilidades em que ela emerge, como uma experiência humana que ocorre na mutualidade desse encontro” (p. 354). Ressaltamos que a redução fenomenológica nunca ocorre por inteiro. Existem limites que, diante de nosso ancoramento no mundo, impossibilitam sua completude (Merleau-Ponty, 1945/2022). No contexto do Plantão, trata-se de uma atitude que se configura como condição de possibilidade para que se constitua o encontro

com o outro na urgência. Diante do fenômeno que se apresenta na situação de urgência, a redução pode ser pensada como uma necessária tentativa de aproximação da experiência do outro em sua própria perspectiva.

A denominação do Plantão Psicológico como clínica do inesperado (Mahfoud, 1999; Tassianri; Durange, 2019), favorece a necessidade de uma escuta desprovida de preconceitos e pressupostos, dando voz a autenticidade da pessoa que fala de sua dor e angústia, advinda, muitas vezes de silenciamentos, medos e incompreensões por parte de pessoas em seu convívio. Essa necessidade que, muitas vezes, pode mover a pessoa a buscar o serviço de plantão, também pode ser uma facilitadora da abertura para a expressão dos sentimentos ao plantonista.

Fala Autêntica

No atendimento clínico, busca-se promover uma *fala autêntica*, que seja o mais próxima possível ao pensamento, uma fala primeira, diferente da fala sobre a fala, refletida, pensada, escamoteada, conforme compreendemos na fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/2022). Trata-se de uma fala que não é “estudada”, mas atravessada por uma certa “ignorância dos pensamentos” como refere Merleau-Ponty (1945/2022):

O próprio sujeito pensante está numa espécie de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo falou e escreveu, como mostra o exemplo de tantos escritores que começam um livro sem saber ao certo o que escreverão nele (p. 188).

A fala preparada pelo paciente em um papel, por exemplo, esquematizada e planejada não traz muitos ganhos terapêuticos (Moreira, 2009). Espera-se, portanto, que no atendimento de Plantão Psicológico, se busque condições para essa fala autêntica. Questionam-se as condições

presentes para que essa fala autêntica emerja, que pode, por vezes, se revelar muito mais de forma espontânea do que autêntica diante, justamente, da incongruência que se revela na situação do plantão.

Ainda que nem sempre seja possível alcançá-la, a fala autêntica é algo que deve ser buscada na situação do Plantão Psicológico. Busca-se criar condições para que aconteça, indo além dos fatos, das reflexões e das explicações. Partindo da ideia de que há uma significativa incongruência que se mostra na situação de plantão, é importante que o plantonista procure ouvir abertamente o que aparece inicialmente, utilizando as atitudes facilitadoras e respostas reflexo para iluminar um pouco o caminho o qual o atendimento pode tomar, dando também contornos às falas desorganizadas para facilitar o processo. Não significa que a autenticidade da fala esteja sendo direcionada para o que o plantonista quer ouvir, mas de traçar um caminho para o atendimento, junto ao paciente, com foco na urgência. É preciso haver um certo cuidado para que, no atendimento de Plantão Psicológico, o foco no agora não reduza a fala da pessoa em decorrência do tempo ou de outros aspectos do enquadre da modalidade, mas que possibilite uma fala primária e espontânea. A fala autêntica pode se configurar como um caminho para a congruência e organização daqueles que buscam o serviço.

De acordo com Amatuzzi (2010), a fala autêntica diz respeito “aos momentos realmente expressivos da fala: a primeira fala pronunciada com sentido, cada fala onde um novo sentido se cria ou está se recriando, cada fala que rompe o silêncio lançando o falante numa nova ordem” (Amatuzzi, 2010, p. 32-33). No caso do Plantão Humanista-Fenomenológico busca-se, por meio das atitudes e intervenções fenomenológicas, favorecer um clima que facilite tais falas, pois, se tratando de um atendimento a uma situação

que urge por escuta, essas falas podem emergir no encontro com o plantonista ao longo do processo de escuta.

Ver e Ouvir Fenomenologicamente

Esta atitude refere-se a um olhar direcionado ao paciente de forma direta, no momento da fala, na situação terapêutica. Para isso, esse olhar deve ser frente a frente, em vista de um encontro, para uma escuta do não-dito, para além da fala e a partir do contexto (Moreira, 2009).

No Plantão Psicológico, o olhar e a escuta fenomenológica, feitos frente a frente, precisam acontecer desde o primeiro encontro, pois pode ser o único. A radicalidade dessa escuta possibilita na presença, no olhar e na intersubjetividade, uma comunicação da compreensão empática que facilita o passear livremente no mundo vivido. O momento em que se busca pedir ajuda no serviço de Plantão Psicológico, já se configura como ocasião de mudança e tomada de posição frente ao seu próprio mal-estar, momento em que a pessoa se movimenta como sujeito no próprio sofrimento, solicitando dos profissionais, ali, de plantão, a coragem de condicionar a estrutura de atendimento ao movimento efetivo da pessoa (Mahfoud, 2013).

Compreender o olhar e ouvir como algo para além do que é falado, lendo nas entrelinhas do que está sendo dito para se compreender não apenas o contexto terapêutico, mas a experiência vivida (Moreira, 2013), que no Plantão Psicológico se destaca como o vivido da urgência psicológica. Ver e ouvir fenomenologicamente no Plantão diz respeito a um olhar aprofundado sobre essa urgência que surge como fenômeno, enxergando nas entrelinhas os significados do sofrimento e da angústia que aparecem diante do plantonista, manifestada, muitas vezes, para além das palavras, através do choro, no corpo, nos gestos e no silêncio.

Psicopatologia Fenomenológica: compreendendo a urgência e suas nuances no Plantão Psicológico

Karl Jaspers (1913/1970) foi responsável por introduzir o método fenomenológico na psicopatologia, utilizando a descrição fenomenológica na busca da essência do fenômeno psicopatológico (Moreira, 2009). Suas contribuições precedem a Psicopatologia Fenomenológica ao trazer o método como possibilidade, entre outras possibilidades que utilizara, para se compreender a experiência psicopatológica (Irrarrázaval, 2018).

Inspirada na fenomenologia filosófica proposta por autores importantes como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, a Psicopatologia Fenomenológica surge efetivamente por volta de 1920 com as publicações de Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger (Tatossian, 2006). Destacam-se ainda autores como Arthur Tatossian, Wolfgang Blankenburg, Bin Kimura, entre outros. Mais recentemente, podemos citar as contribuições de autores como Thomas Fuchs, na Alemanha; Giovanni Stanghellini, na Itália; Louis Sass, nos Estados Unidos; e Virginia Moreira e Guilherme Messas, no Brasil. Como eixo central da Psicopatologia Fenomenológica, podemos destacar seu posicionamento teórico-clínico de buscar compreender as experiências psicopatológicas e suas condições de possibilidade. A partir de alterações do tempo, do espaço, do corpo, da relação com o outro e do *self*, desenvolve-se uma via compreensiva do modo em que as pessoas vivenciam suas experiências de adoecimento (Temelini & Messas, 2022). Neste sentido, trata-se de uma lente que pode fornecer bases para se compreender possíveis experiências de adoecimento daqueles que procuram o plantão.

Abordamos aqui um modelo de clínica que se propõe a atender

peças em sofrimento psíquico urgente, advindos de situações pontuais ou mesmo de diagnósticos que causam sofrimentos específicos e, por vezes, urgentes, que também podem ser acolhidos no espaço do Plantão Psicológico. A partir da concepção de que o sofrimento é parte da existência (Minkowski, 2000), consideramos que é fundamental um conhecimento que permita fornecer bases para se compreender os diferentes modos de sofrimento e para dimensionar o caráter patológico (ou não) que pode assumir algumas dessas situações. Diante de uma “expressão profunda de uma modificação da totalidade da existência do sujeito” (Moreira *et al.*, 2021, p. 98) que marca uma experiência psicopatológica, o Plantão Psicológico se apresenta como via de escuta e de acolhimento. A Psicopatologia Fenomenológica pode fornecer elementos para caminhar no mundo vivido daqueles que estão em sofrimento.

No Plantão Psicológico, a pessoa que procura ajuda nunca apresenta unicamente sintomas ou demandas como fatos objetivos da vida, pois estes sempre se entrelaçam com os aspectos de sua vida, compondo a globalidade da experiência do adoecimento e sua mundaneidade (Braga *et al.*, 2012). O conhecimento da psicopatologia fenomenológica nesse contexto pode se apresentar como uma possibilidade de compreender questões objetivas dessa urgência, que pode ou não advir de um diagnóstico. A sintomatologia não toma palco no atendimento, mas é importante pensar que nessa mundaneidade, a partir de uma compreensão de homem em seus múltiplos contornos, o sintoma compõe também essa experiência.

Ressalta-se que o plantonista não está ali apenas “em função das patologias, mas da elaboração da experiência em ato” (Mahfoud, 2013, p. 46). O desafio é contemplar o objetivo, aquilo que é comum, que permite identificar a dimensão patológica de uma experiência e, ao mesmo tempo,

aquilo que há de particular e demarca a dimensão subjetiva (Tatossian, 1979/2006). O Plantão Humanista-Fenomenológico está assentado sob a égide da Psicopatologia Fenomenológica que está implicada nessa dupla experiência, empírica e *apriórica*, particular e comum.

Entre os elementos fundamentais que a Psicopatologia Fenomenológica traz para a prática do Plantão Psicológico está a distinção entre sintoma e fenômeno. O que se busca na perspectiva fenomenológica é um olhar para além do sintoma, mas sem o descartar, compreendendo o sujeito como um ser global. Tal forma de olhar é uma via para a compreensão dos diferentes modos de adoecimento (Bloc; Moreira, 2013). Neste sentido, ressalta-se que os elementos semiológicos ou nosológicos do processo de sofrimento não são competências, ou interesse especificamente do fenomenólogo, justamente por ele buscar se abster de todo pré-julgamento e por não ter o sintoma como questão primária do encontro terapêutico. Seu interesse se fundamenta no fenômeno, não na doença propriamente. Volta-se para as pessoas e suas maneiras de viver no mundo vivido (Tatossian, 1997c; Bloc; Moreira, 2013).

A urgência que se busca compreender no plantão psicológico, que muitas vezes é atravessada por sintomas e contornos psicopatológicos, é vista, portanto, como fenômenos que surgem no encontro de Plantão. Isso é importante para tomadas de decisões a respeito de encaminhamentos, mesmo não sendo o centro do atendimento.

No que diz respeito ao diagnóstico, Tatossian (1994) critica um olhar pautado apenas em parâmetros probabilísticos, nosológicos, advindos de manuais e puramente sintomáticos, sem acesso ao mundo vivido da pessoa que comunica o sofrimento, e apresenta outro modelo que possa dar conta do processo diagnóstico de maneira que seja realizável, percebido

globalmente, dando mais importância a forma que o sintoma toma do que mesmo o material desse sintoma.

O plantonista Humanista-Fenomenológica assume uma atitude de buscar compreender os diferentes modos de existir, bem como a experiência de urgência. Compreender essa experiência vivida de urgência é também uma atitude de ajuda e que, mesmo desencadeando em possíveis encaminhamentos para psicoterapia, psiquiatria e afins, possibilita escuta significativa e ampliação da compreensão de si para um olhar mais clarificado sobre a dor que se sente e que aparece nessa autenticidade que a revela.

É importante que o conhecimento a respeito da Psicopatologia esteja como os demais estudos que atravessam o plantonista Humanista-fenomenológico, “saindo pelos poros”, como refere Moreira (2009), a fim de facilitar uma compreensão do modo de funcionamento da pessoa em atendimento de plantão. Compreender sobre as possibilidades diagnósticas no Plantão Psicológico corrobora para um olhar mais compreensivo dos contornos do mundo vivido da pessoa, bem como de possibilidades de encaminhamentos precisos após o entendimento de que o serviço cumpriu seu papel: acolher e intervir no momento da urgência, ou o mais próximo possível a esta (Tassinari; Durange, 2019).

O Plantão Psicológico não é, naturalmente, um espaço de psicodiagnóstico ou de classificações nosológicas (Tassinari *et al.*, 2013), mas de escuta e acolhimento da urgência psicológica e subjetiva que podem, também, advir de um processo de adoecimento psicopatológico, de uma depressão ou ansiedade generalizada, por exemplo, mas que não tomará a frente da experiência vivida de sofrimento e crise. Nesse sentido, a teoria da psicopatologia fenomenológica ajuda a compreender o mundo vivido da

pessoa nessas situações, contribuindo para uma compreensão do todo, da estrutura de funcionamento, das interrupções, das (des)proporções antropológicas. Ela “propõe a compreensão de uma experiência que é objetiva e subjetiva, simultaneamente, e que se constitui de forma ambígua no entrelaçamento de ambas” (Souza *et al.*, p. 195, 2013).

No Plantão Psicológico, as questões diagnósticas aparecem com frequência e podem mesmo ser confundidas como tipos de demanda por excelência do serviço. Essas falas não podem ser ignoradas, a fim de um cuidado mais próximo e possíveis encaminhamentos, pois compreendemos que todos os contornos dessa experiência de sofrimento podem estar presentes e precisam ser considerados. Entretanto, é preciso que haja uma clareza daquilo que se encontra presente na situação de urgência. Reconhecer a presença ou ausência de uma experiência patológica é fundamental para que se possa estabelecer o enquadre do Plantão Psicológico, nortear possíveis decisões e encaminhamentos e facilitar a compreensão da experiência daquele que busca o serviço. Tal dimensão não significa um centramento no sintoma e na doença, mas o reconhecimento da necessidade de uma compreensão das experiências de adoecimento como um modo de ser-no-mundo que se enrijece e que é marcado por um radical sofrimento.

Considerações Finais

Na Abordagem Humanista-Fenomenológica, compreendemos que ainda temos um longo percurso a ser feito, tendo em vista que a estruturação das bases teóricas e metodológicas feitas neste artigo possibilitam embasamento e inspiração para novas pesquisas em Plantão a partir dessa perspectiva teórica.

Embora os tópicos deste artigo estejam separados didaticamente para uma melhor compreensão de um Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, eles são entrelaçados entre si e não há como pensarmos tais conceitos, atitudes e intervenções separadamente no atendimento de Plantão Psicológico. O Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, como foi possível perceber neste artigo, procura olhar para o que é mais significativo na urgência psicológica, a fim de realizar intervenções que favoreçam um encontro com o outro, com sua experiência vivida na urgência, colocando entre parênteses preconceitos e ideias de nosologias. Ao colocar entre parênteses tais ideias, não se desconsidera o que se sente, mas aquilo que aparece em suas falas e expressões.

Aqui apontamos para um serviço de atendimento que vê o homem em sua mundanidade, no momento da urgência, em meio às angústias que o mobilizam a procurar por ajuda psicológica. Com o desejo de fomentar ainda mais essa discussão, acreditamos ser um passo necessário para o Plantão Psicológico e para a Abordagem Humanista-Fenomenológica. Tal relevância se dá ao notarmos o desenvolvimento dessa abordagem em diferentes modalidades clínicas, tais como a Psicoterapia individual com adultos e crianças e em processos grupais. Aqui damos passos iniciais para a continuidade do desenvolvimento dessa forma de atuar, pensando-a de forma ampliada, como o Plantão Psicológico se propõe em sua natureza, e com ética e criticidade.

Retomar as bases da Abordagem Humanista-Fenomenológica de forma criteriosa para pensá-las no Plantão é um desafio, visto que não se encerra neste escrito as possibilidades de desenvolvimento, mas abrem-se searas para novos caminhos a serem trilhados.

Referências

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2010.

BARBOSA, F.; CASANIRI, K. A. Intervenções em Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico: Pesquisa em Serviço-escola. **Psicol. Estud.**, 26, p. 1-16, 2021. <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46700>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-143, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BLOC, L.; MOREIRA, V. Sintoma e fenômeno na psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, 16, n. 1, p. 28-41, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233026046010>>. Acesso em 16 jun. 2024.

BLOC, L.; MOREIRA, V. **Fenomenologia Clínica**. Rio de Janeiro: Edições Ifen, 2021.

BLOC, L.; MOREIRA, V.; WOLF-FÉDIDA, M.; CHAMOND, J. Lá relation d'implication (et non d'application) entre les phénoménologies philosophiques et cliniques: Lê point de vue d'Arthur Tatossian. **Bulletin de psychologie**, 70, n. 4, p. 301-309, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.3917/bupsy.550.0301>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRAGA, T. B. M.; MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas em Psicologia**, 20, n. 2, p. 555-569, 2012. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRESCHIGLIARI, J. O.; JAFELICE, G. T. Plantão Psicológico: ficções e reflexões. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, 2015. Disponível <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000112014>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRITO, R. A. C. de; MOTA, W. C.; BLOC, L.; MOREIRA, V. Linguagem e relação com os outros: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a

psicoterapia infantil. **Rev. Psicologia USP**, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e200085>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARVALHO, L. B.; BARRETO, S. R. V. (Eds.). Plantão com Apheto: uma proposta de intervenção humanista-fenomenológica em uma clínica-escola. In: MOREIRA, V.; BLOC, L. **Fenomenologia Clínica**. São Paulo: Ifen, p. 343-366, 2021.

CORREIA, K. C. R.; MOREIRA, V. A experiência vivida por psicoterapeutas e clientes em psicoterapia de grupo na clínica humanista-fenomenológica: uma pesquisa fenomenológica. **Rev. Psicologia USP**, 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0103-656420140052>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DAHER, A. C. B. *et al.* Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 38, n. 2, p. 147-158, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.5433/1679-0383.2017v38n2p147>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DALLEDONE, M. R. A.; MICHELS, N. L.; MOHR, A. M. Psicanálise, plantão psicológico e a atuação em âmbito educacional. **Pluralidades em Saúde Mental**, 2021. Disponível em <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/314/218>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

IRARRÁZAVAL, L. Vulnerability in schizophrenia: a phenomenological anthropological approach. **Journal for Philosophy in its Cultural Context**, n. 1, p. 157-167, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.11588/icp.2018.1.48070>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral: Psicologia Compreensiva, Explicativa e Fenomenologia**. São Paulo, Atheneu, 1970. Ed. Org. 1913.

MAHFOUD, Miguel. **Plantão psicológico: novos horizontes**. Editora Companhia Ilimitada. 1999.

MAHFOUD, Miguel. Desafios sempre renovados: plantão psicológico. In: TASSINARI, M. A.; CORDEIRO, A. P. S.; DURANGE, W. (Eds.). **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. Curitiba: Editora CRV, p. 33-50, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Paris: Gallimard, 2022. Ed. Org. 1945.

MINKOWSKI, E. Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto prático da existência). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 3, n. 4, p. 156-164, 2000. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1415-47142000004012>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V. Critical phenomenology of depression in Brazil, Chile and the United States. **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology Online**, v. 7, n. 2, p. 193-218, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-03582007000200007>. Acesso em: 01 mar. 2024.

MOREIRA, V. Da empatia à compreensão do lebenswelt (mundo vivido) na psicoterapia humanista-fenomenológica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 1, p. 59-70, 2009a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000100005>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V. **Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Annablume, 2009b.

MOREIRA, V.; TELLES, V. A noção de liberdade no pensamento de Merleau Ponty: contribuições para a psicoterapia. In: TATOSSIAN, A.; MOREIRA, V. (Eds.). **Clínica do Lebenswelt: Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica**. São Paulo: Escuta, p. 231-242, 2012.

MOREIRA, V. **Revisitando as psicoterapias humanistas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

MOREIRA, V.; BLOC, L. O Lebenswelt como fundamento da psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.37067/rpfc.v4i1.998>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V. From essence to Lebenswelt as a method in phenomenological psychopathology. **Estudos de Psicologia**, v. 33, n. 3, p. 403-411, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300004>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V. Da empatia à compreensão do Lebenswelt (mundo vivido) na psicoterapia humanista-fenomenológica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, p. 59-70, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000100005>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, V.; BLOC, L. Fenomenologia Clínica. In: SOUZA, C. (Ed.). **Fenomenologia clínica da depressão: contribuições de Minkowski, Binswanger, Tellenbach e Tatossian**. São Paulo: Ifen, p. 95-116, 2021.

ORTOLAN, M. L. M. *et al.* Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 147-158, dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PIMENTEL DE-MEDEIROS, A. G. A. *et al.* Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da CoViD-19. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 58-65, jun. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-4233202100010000756872021000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai. 2024.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004>. Acesso em: 01 mar. 2024.

ROCHA, M. C. Tempos idos, tempos vividos, tempos marcados: 50 anos do Plantão Psicológico e do Serviço de Aconselhamento da USP. In: TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. (Eds.). **Plantão e a Clínica da Urgência Psicológica**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

ROGERS, C. R. Significant aspects of client-centered therapy. **American Psychologist**, v. 1, n. 10, p. 415-422, 1946. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/h0060866>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, M. C. R. F.; EVANGELISTA, P. E. R. A. O Encontro é o Setting: relato de experiência de um atendimento em Plantão Psicológico. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.62506/phs.v3i1.23>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOARES, L. L. M. Plantão Psicológico Gestáltico: a escrita de uma experiência. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 997-1017, dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SOUZA, B. N.; SOUZA, A. M. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, n. 2, p. 241-249, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOUZA, C. P.; CALLOU, V. T.; MOREIRA, V. A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 2, p. 189-197, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n2/v19n2a06.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TASSINARI, M. A.; CORDEIRO, A. P. S.; DURANGE, W. **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. **Plantão e a Clínica da Urgência Psicológica**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

TATOSSIAN, A. Le problème du diagnostic dans la clinique psychiatrique. In: PICHOT, P.; REIN, W. (Eds.). **L'approche Clinique en psychiatrie**. v. II. Paris: Synthélabo, p. 83-100, 1994.

TATOSSIAN, A. **A fenomenologia das psicoses**. Tradução de J. C. Freire, revisão técnica de V. Moreira. São Paulo: Escuta, 2006. (Originalmente publicado em 1979).

TATOSSIAN, A. Pratique psychiatrique et phenomenologie. In: TATOSSIAN, A. **Psychiatrie phénoménologique**. Paris: Acanthe, p. 179-183, 1997c. (Trabalho original publicado em 1985).

TELLES, T. C. B.; BORIS, G. D. J. B.; MOREIRA, V. O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 13-20, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2024.

TELLES, T. C. B.; MOREIRA, V. A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. **Psic. Teor. e Pesq.**, v. 30, n. 2, p. 205-212, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200010>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TEMELINI, Melissa; MESSAS, Guilherme. **Fundamentos de Clínica Fenomenológica**. São Paulo: Ed. Manoele, 2022.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 8, N. 1, 2025.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesse

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: *LC, LB*

Redação do manuscrito original *LC, LB*

Curadoria de dados: *LC*

Análise de dados: *LC*

Redação textual: *LC, LB*

Supervisão: *LB*

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
